

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Andando em Círculos

Anuncia-se mais um programa especial para a educação: o que reforçaria o segundo grau, e tem como ponto de partida a verificação de que há adolescentes demais fora da escola. Todas as áreas da educação brasileira mostram deficiências, e, nesse sentido, sempre se pode justificar este ou aquele investimento.

No quadro de agora, entretanto, há uma causalidade circular que precisa ser quebrada em algum ponto — e esse ponto dificilmente seria o segundo grau.

A fuga no segundo grau não é um fenômeno apenas brasileiro. Até num país como a Inglaterra ela está sendo detectada — obviamente que por motivos um pouco diferentes. Mas a impaciência da juventude é a mesma em toda parte.

O que agrava o panorama, no Brasil, é o fato de que o nosso segundo grau parece, às vezes, ligar o nada a coisa nenhuma: o aluno vem de um ensino básico destroçado, que não lhe inculcou hábitos de estudo, e, mais para a frente, vê uma universidade que também perdeu a sua identidade, e que já nem garante a inserção no mercado de trabalho. A tentação de ir fazer outra coisa é forte — e acaba sendo incentivada (quando não forçada) por pais que precisam dos filhos para completar o orçamento familiar.

Seria pura ilusão tentar modificar uma faixa

média do sistema sem trazer modificações significativas às áreas críticas. O que continua faltando, até agora, é um projeto educacional que endireite as raízes corrompidas da educação brasileira. Seria preciso dar um mínimo de dignidade ao sistema de ensino público — e isso passa pela revisão do papel e da importância da figura do professor.

A área federal continua, aparentemente, confiando numa espécie de divisão de trabalho que entregou a educação fundamental aos estados e municípios, reservando a Brasília a imponente e cara estrutura das universidades federais.

Este é um modo excessivamente formal — e ineficiente — de examinar o sistema. Há uma espécie de liderança que só o ministério da Educação pode exercer. Para isso é que ele existe; e, se não o faz, fica-se na repetição de modelos anteriores.

Com pouco tempo de exame, distorções graves foram apuradas no funcionamento das universidades federais — inchadas de funcionários e pobres em espírito universitário. Essas distorções precisam ser corrigidas, para devolver alguma seriedade ao sistema. Mas a base do edifício teria de ser repensada e refeita. Na situação de agora, ela só pode, mesmo, produzir o que está se vendo: multidões de adolescentes que não sabem para que serve o estudo; e que, por causa disso, trocam a escola pela primeira variante da estrada.